

Orquestra Sinfónica

do Porto Casa da Música

Stefan Blunier direcção musical

28 Jun 2019 · 21:00 Sala Suggia



casa da música



Maestro Stefan Blunier sobre
o programa do concerto.

<https://vimeo.com/344608801>

1ª PARTE

Stanisław Moniuszko

Abertura da ópera *Halka* (1846-47; c.9min)

Mieczysław Karłowicz

Stanislaw e Anna de Oswiecim, op. 12 (1907; c.22min)

2ª PARTE

Piotr Ilitch Tchaikovski

Sinfonia n.º 3, em Ré maior, op. 29, "Polaca" (1875; c.40min)

1. *Introduzione e Allegro: Moderato assai (Tempo di marcia funebre) – Allegro brillante*
2. *Alla tedesca: Allegro moderato e semplice*
3. *Andante elegiaco*
4. *Scherzo: Allegro vivo*
5. *Finale: Allegro con fuoco (Tempo di polacca)*

OS MÚSICOS VOARAM NA TAP AIR PORTUGAL
A COMPANHIA AÉREA DA CASA DA MÚSICA

TAP
AIR PORTUGAL

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE

resco

REMA

EUROPE JAZZ NETWORK

ECHO

EUROPEAN
CONCERT HALL
ORGANISATION

TENSO

INTEGRAL DAS SINFONIAS DE TCHAIKOVSKI

PRÓXIMO CONCERTO

27 SET · SINFONIA N.º 4

Música romântica de inspiração polaca

O nacionalismo romântico emergente nos anos de 1848-9 alimentou criativamente um conjunto de compositores centro e leste-europeus, que buscou no povo inspiração para as suas obras. O programa do presente concerto apresenta obras orquestrais que remetem para a Polónia, escritas por dois compositores polacos e um russo. A ópera *Halka* marcou o início do Romantismo polaco com o elogio a uma pátria dividida. O poema sinfónico *Stanislaw e Anna de Oswiecim* apresenta uma história trágica de amor romântico em música. Não foi Tchaikovski que apelidou a Sinfonia n.º 3 de “Polaca”, mas esta apresenta danças populares associadas a esse país no seu último andamento. Foi também uma obra com a qual Tchaikovski transformou a sua abordagem ao género sinfónico.

A trágica história de *Halka* gira em torno de um triângulo amoroso entre Janusz, Zofia e Halka. O libreto da ópera é da autoria de Włodzimierz Wolski, a partir de uma história do escritor e folclorista Kazimierz Wójcicki. Janusz e Zofia, filhos de camponeses ricos, preparam-se para casar quando aparece Halka, um amor recente de Janusz. Após várias peripécias, descobre-se que Halka está grávida de Janusz, mas que este levará o casamento com Zofia avante. Halka fica destroçada e regressa à sua aldeia, na qual se irá realizar a celebração. Perde o bebé e, após ponderar incendiar a igreja durante a cerimónia, atira-se ao rio. **Stanisław Moniuszko** (1819-1872) nasceu em Ubiel, no então Grão-Ducado da Lituânia, estudou em Berlim e fixou-se em Vilnius, onde desenvolveu uma intensa carreira musical. Professor, compositor, promotor cultural

e organista, transformou a vida cultural dessa cidade. Inicialmente, *Halka* foi concebida com dois actos e estreada, em versão de concerto, em Vilnius a 1 de Janeiro de 1848. A sua versão encenada estreou na mesma cidade a 18 de Fevereiro de 1854. Posteriormente, Moniuszko reviu a ópera, tendo a nova versão em quatro actos sido estreada em Varsóvia a 1 de Janeiro de 1858. De acordo com as convenções da época, a abertura introduz algumas passagens da ópera. A introdução lenta apresenta o tema do sofrimento de Halka e melodias usadas no último acto, alternando uma melodia sinuosa e de sabor tradicional entre sopros e cordas. Segue-se uma secção bipartida mais agitada em que se destacam três temas: uma marcha rústica, uma melodia viva e *cantabile*, associada ao coro de nobres do primeiro acto da ópera, e um lamento. Após uma curta transição estática, os elementos são reexpostos com uma orquestração colorida que transporta a abertura ao final.

O folclorismo polaco de meados do século XIX estabeleceu-se como a pedra angular na estética musical de uma nação dividida por vários estados. Contudo, no final desse século, o movimento “Jovem Polónia” apresentou-se como plataforma para a disseminação dos modernismos. Arte Nova, Pré-Rafaelitas, neo-Romantismo e pós-wagnerismo foram algumas das correntes participantes desse movimento heterogéneo finissecular, um mosaico de abordagens que misturou inovações artísticas recentes com elementos do património da Polónia. Um dos seus músicos mais proeminentes foi **Mieczysław Karłowicz** (1876-1909), que se destacou em obras orquestrais programáticas como *Stanislaw e Anna de Oswiecim*. O seu pai foi um importante etnólogo e linguista, o que fez com que a infância

de Karłowicz fosse passada em viagem pela Europa Central. Estudou música em Berlim entre 1895 e 1901, onde se dedicou à escrita de canções, e regressou à Polónia, tornando-se uma figura tutelar na música orquestral do território. O poema sinfónico *Stanislaw e Anna de Oswiecim* foi escrito em 1907, pouco antes da trágica morte do jovem compositor numa avalanche. Apesar de ter deixado um pequeno número de obras, Karłowicz foi central na criação de uma linguagem musical actualizada na Polónia, inspirando-se nos modelos do Grupo dos Cinco e de compositores alemães como Wagner ou Richard Strauss.

Estreado postumamente em 1912, *Stanislaw e Anna de Oswiecim* é inspirado numa lenda de amor entre irmãos passada no século XVII e transformada num culto popular no século XIX. Stanislaw apaixonou-se pela sua irmã mais nova Anna após vários anos em serviço diplomático. Deslocou-se a Roma para pedir a dispensa papal que lhes permitiria casar e, quando regressa, encontra Anna morta. A lenda foi imortalizada por vários escritores e artistas plásticos polacos e deixou uma profunda impressão no jovem Karłowicz. *Stanislaw e Anna de Oswiecim*, de inspiração straussiana, encarna uma abordagem flexível à forma *allegro* de sonata cultivada no final do século XIX, na qual são interpoladas atmosferas contrastantes. Para enfatizar o dramatismo do amor trágico, o compositor recorre ao colorido orquestral pós-wagneriano e usa recorrentemente pequenas células de características temáticas que invocam o *leitmotiv* associado a essa tradição. Uma linguagem tardo-romântica em que os contrastes se encontram bem marcados atravessa toda a obra, misturando longas frases *cantabile*, cuja resolução é diferida, com fanfarras sonoras dos instrumentos

de sopro. Texturas em *tremolos* agudos de cordas remetem para a imaterialidade, os solos de vários instrumentos e o recurso à repetição como elemento narrativo são omnipresentes. Assim, um amor trágico motivou uma das obras sinfónicas mais importantes da renovação da música polaca.

O sinfonismo tardo-romântico do Império Russo encontra-se indelevelmente ligado a **Piotr Ilitch Tchaikovski** (1840-1893). Tchaikovski, cuja aptidão musical foi aperfeiçoada no então recentemente criado Conservatório de São Petersburgo, conciliou modelos cosmopolitas centro-europeus com uma abordagem particular ao género sinfónico. Num período de transformação da música russa, a abertura de escolas de música e a criação de um circuito de concertos e recitais tinha em vista o refinamento do gosto musical no Império. O epicentro dessa actividade foi São Petersburgo e os seus promotores mais importantes os irmãos Anton e Nikolai Rubinstein, amigos de Tchaikovski. A Sinfonia n.º 3, “Polaca”, foi escrita entre Junho e Agosto de 1875 e estreada em Moscovo em Novembro do mesmo ano. Nessa altura, o compositor encontrava-se a leccionar em Moscovo, pouco antes da sua primeira grande viagem pela Europa Central e da escrita dos primeiros bailados. Assim, a Sinfonia n.º 3 foi muito importante para o reconhecimento de Tchaikovski na Rússia e marcou o início da sua abordagem particular a esta forma musical. Apesar do seu fascínio por texturas do Classicismo, que se encontram bem presentes na sinfonia, Tchaikovski transformou as formas tradicionais, flexibilizando o género através da utilização de elementos da suite e do divertimento. Dessa forma, apresentou uma abordagem que equilibrava elementos temáticos

e seu desenvolvimento, contrariando os pressupostos orgânicos do sinfonismo clássico. Afastando-se de um paradigma em que os elementos temáticos são centrais para o desenvolvimento orgânico da macro-forma, seleccionou alguns materiais que atravessam a obra e que emergem em lugares pouco convencionais.

O título “Polaca” da Sinfonia n.º 3 encontra-se associado à estreia inglesa da obra em 1889, quando alguns críticos associaram o uso da *polonaise*, uma dança social polaca, a uma referência à Polónia. Naquela época, a Polónia encontrava-se sob domínio estrangeiro e a *polonaise* foi ligada pelo público da Europa Ocidental à luta pela independência polaca. Todavia, a popularidade dessa dança fez com que esta fosse rapidamente adoptada por diversas cortes e as suas características rapidamente a associaram ao militarismo. Por exemplo, o romance *Guerra e Paz*, que retrata a Rússia no início do século XIX, tem diversas referências à *polonaise*. Daí até à sua transformação num símbolo da expansão do Império Russo sob tutela dos Romanov foi um pequeno passo. Contrariamente às sinfonias mais tradicionais, a Sinfonia n.º 3 encontra-se dividida em cinco andamentos, evocando a Sinfonia n.º 3 de Robert Schumann, uma obra pela qual Tchaikovski nutria grande admiração.

O primeiro andamento é uma forma *allegro* de sonata de cariz rapsódico precedido de uma introdução lenta. Essa secção vertical remete para o contexto de marcha fúnebre, acompanhada pelos *pizzicatti* das cordas. Após uma breve transição, é apresentado o primeiro grupo temático do andamento, caracterizado pela instabilidade harmónica e pela tensão acumulada sobre *tremolos* dos tímpanos. Os instrumentos trocam entre si breves células que preparam uma melodia

afirmativa acompanhada verticalmente, reforçando um contexto de solenidade. O universo da ópera faz a sua entrada no segundo grupo temático, protagonizado pelo lirismo dos solos dos instrumentos de sopro, apresentados sobre os galopes característicos de uma *cabaletta* de ópera italiana. A instabilidade do final da exposição antecipa o longo desenvolvimento, onde os vários temas são variados, sobrepostos e contrapostos em tramas contrapontísticas de tonalidade instável, misturando texturas clássicas e românticas. O primeiro grupo temático regressa, de forma triunfal, na reexposição, em que os dois grupos temáticos são recapitulados numa atmosfera de crescente tensão que conduz a uma coda cinética.

O universo da dança popular perpassa o segundo andamento da sinfonia, em forma tripartida e textura de *ländler*, uma dança rústica germânica. A simplicidade de uma melodia ondulante e periódica mistura-se com a irregularidade métrica nas acentuações e com a ambiguidade entre modos maior e menor. A secção intermédia está ancorada numa melodia contemplativa baseada num movimento perpétuo de ritmos regulares. A atmosfera inicial faz o seu regresso sob a forma de uma secção lírica com longas frases que facilitam o regresso à acalmia. O andamento termina com um desacompanhado solo de fagote que introduz o andamento seguinte, onde o mesmo instrumento se destacará.

Tal como o nome indica, o *Andante elegiaco* consiste num lamento nostálgico em textura esparsa na qual emergem solos de instrumentos de sopros sobre uma célula repetida pelas cordas. Estas protagonizam a secção seguinte, apresentando material semelhante ao do andamento anterior. Na secção intermédia, os materiais apresentados são transformados

e desenvolvidos até uma curta transição que reintroduz os solos da primeira secção sobre os *tremolos* das cordas. Estes conduzem ao andamento seguinte, um *scherzo* vivo e animado onde pontificam a leveza e os solos dos instrumentos de sopro, em especial uma melodia do trombone que desempenhará uma função estrutural. A sua atmosfera remete para o universo do fantástico, usando elementos que Tchaikovski irá posteriormente retomar nos bailados. À constante troca de melodias entre instrumentos em jogos de pergunta-resposta é contraposta uma textura de marcha modulante na secção intermédia, que aproveita música previamente composta por Tchaikovski para outro contexto. O regresso da secção inicial é seguido por uma breve recapitulação da marcha, preparando a *polonaise* final.

O final da sinfonia é uma *polonaise* cujo tema enérgico evoca, imediatamente, o contexto militar. Contrastando com esse ambiente, o segundo grupo temático remete para a solenidade religiosa dos hinos ortodoxos, apresentados verticalmente pelos instrumentos de sopro. Segue-se uma fuga baseada na melodia principal, em que o tema principal entra sucessivamente em diversas vozes e é combinado com contratemas e acompanhamentos baseados em materiais apresentados ao longo da sinfonia. A textura adensa-se de forma a preparar a reapresentação do segundo tema com grande intensidade expressiva, antecipando uma coda vertical de carácter heróico reminescente do tema principal do andamento, reforçada por uma orquestração que enfatiza os traços militares através do recurso a agrupamentos de instrumentos de sopro.

JOÃO SILVA, 2019

Stefan Blunier direcção musical

Director Geral de Música da cidade de Bona entre 2008 e 2016, Stefan Blunier foi maestro da Orquestra Beethoven de Bona e da Ópera de Bona. Sob a sua direcção carismática e com uma nova consciência musical, a orquestra tornou-se mais requisitada e realizou digressões bem-sucedidas na China, em 2011, e nos Estados Unidos da América. As suas gravações com esta orquestra foram reconhecidas com dois prémios ECHO Klassik para “disco de ópera do ano” (2011 e 2012) – *Der Golem* de Eugen d’Albert e *Irrelohe* de Schreker, esta última vencedora também do Prémio da Crítica Alemã 2012. Recebeu outros prémios e nomeações pelas gravações de obras sinfónicas de Respighi, Schoenberg, Franz Schmidt (Sinfonia n.º 4), Bruckner (Sinfonia n.º 8) e Beethoven.

Como convidado, dirigiu praticamente todas as orquestras sinfónicas das rádios alemãs, a Orquestra da Gewandhaus de Leipzig, a Filarmónica de Ludwigshafen, a Sinfónica de Duisburg e as principais orquestras da Dinamarca, da Bélgica, do Extremo Oriente, da Suíça e de França.

Mais recentemente, dirigiu as Sinfónicas NHK e Yomiuri Nippon (Japão), a Sinfónica Escocesa da BBC, a Sinfónica da Irlanda, a Filarmónica de Estugarda, a Sinfónica do Porto Casa da Música, as Filarmónicas de Rheinland-Pfalz e do Sul da Holanda, a Orquestra da Rádio Norueguesa e a Century Symphony Orchestra de Osaka. Paralelamente aos seus compromissos em Bona, foi Maestro Convidado Principal da Orquestra Nacional da Bélgica (2010-2013), com a qual continua a gravar e realizar digressões.

No domínio da ópera, dirigiu produções em Munique, Hamburgo, Leipzig, Estugarda, Berlim (Ópera Alemã e Komische Oper),

Montpellier, Oslo, Berna, Genebra e Londres (English National Opera). A sua interpretação de *Thais* de Massenet na Ópera de Bona, em 2014, foi aclamada pela imprensa alemã. Após a bem-sucedida produção de *Daphne* na Ópera de Frankfurt, foi de imediato convidado para aí dirigir *Tristão e Isolda*. Entre as óperas que dirigiu recentemente, destacam-se *Elegia para Jovens Amantes* de Henze (English National Opera), *Diálogos de Carmelitas* de Poulenc e *O Amor das Três Laranjas* de Prokofieff (Komische Oper de Berlim), *Elektra* e *Tannhäuser* (Bona), *Rigoletto* (Ópera de Zurique) e *Les Contes d’Hoffmann* (Ópera Norueguesa). Dirigiu *Wozzeck* no Grand Théâtre de Genève, sendo de imediato convidado para regressar na temporada 2017/18 para uma produção de *O Barão Cigano*. O seu especial interesse pela música de final do século XIX e início do XX, bem como pelo repertório contemporâneo, levou-o a dirigir produções como *Irrehole* e *Das Spielwerk* de Schreker, *Krol Roger* de Szymanowski, *Der Rattenfänger* de Cerha e a estreia alemã de *L’amour de loin* de Saariaho.

Natural de Berna (Suíça), Stefan Blunier estudou piano, trompa, composição e direcção de orquestra em Berna e na Escola Superior Folkwang em Essen. É fundador do Ensemble para a Nova Música de Essen. Depois das bem-sucedidas participações nos Concursos de Besançon e Malko, foi nomeado Maestro Titular Associado em Mannheim e Director Musical e Maestro Titular em Darmstadt (2001-2008), antes de assumir o seu mandato em Bona.

Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música

Baldur Brönnimann maestro titular

Leopold Hager maestro emérito

Stefan Blunier maestro associado

Christian Zacharias maestro convidado principal designado

A Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música tem sido dirigida por reputados maestros, de entre os quais se destacam Stefan Blunier, Olari Elts, Peter Eötvös, Heinz Holliger, Elihau Inbal, Michail Jurowski, Christoph König (maestro titular no período 2009-2014), Reinbert de Leeuw, Andris Nelsons, Vasily Petrenko, Emilio Pomarico, Peter Rundel, Michael Sanderling, Vassily Sinaisky, Tugan Sokhiev, John Storgårds, Joseph Swensen, Ilan Volkov, Antoni Wit, Christian Zacharias e Lothar Zagrosek. Entre os solistas que têm colaborado com a orquestra constam os nomes de Pierre-Laurent Aimard, Jean-Efflam Bavouzet, Pedro Burmester, Joyce Didonato, Alban Gerhardt, Natalia Gutman, Viviane Hagner, Alina Ibragimova, Steven Isserlis, Kim Kashkashian, Christian Lindberg, Tasmin Little, Felicity Lott, António Meneses, Midori, Truls Mørk, Kristine Opolais, Lise de la Salle, Benjamin Schmid, Simon Trpčeski, Thomas Zehetmair, Frank Peter Zimmermann ou o Quarteto Arditti. Diversos compositores trabalharam também com a orquestra, no âmbito das suas residências artísticas na Casa da Música, destacando-se os nomes de Emmanuel Nunes, Jonathan Harvey, Kaija Saariaho, Magnus Lindberg, Pascal Dusapin, Luca Francesconi, Unsuk Chin, Peter Eötvös, Helmut Lachenmann, Georges Aperghis, Heinz Holliger, Sir Harrison Birtwistle e Georg Friedrich Haas, a que se junta em 2019 o compositor Jörg Widmann.

A Orquestra tem-se apresentado também nas mais prestigiadas salas de concerto de Viena, Estrasburgo, Luxemburgo, Antuérpia, Roterdão, Valladolid, Madrid, Santiago de Compostela e Brasil, e ainda no Auditório Gulbenkian.

As temporadas recentes da Orquestra foram marcadas pela interpretação das integrais das Sinfonias de Mahler, Prokofieff, Brahms e Bruckner; dos Concertos para piano e orquestra de Beethoven e Rachmaninoff; e dos Concertos para violino e orquestra de Mozart. Em 2011, o álbum “Follow the Songlines” ganhou a categoria de Jazz dos prestigiados prémios Victoires de la musique, em França. Em 2013 foram editados os concertos para piano de Lopes-Graça, pela Naxos, e o disco com obras de Pascal Dusapin foi Escolha dos Críticos na revista Gramophone. Nos últimos anos surgiram os CD monográficos de Luca Francesconi (2014), Unsuk Chin (2015) e Georges Aperghis (2017), além de discos dedicados a obras de compositores portugueses, todos com gravações ao vivo na Casa da Música. Na temporada de 2019, a Orquestra apresenta obras-chave do Novo Mundo – entre as quais *Amériques* de Edgard Varèse e a *Quarta Sinfonia* de Charles Ives –, a Integral das Sinfonias de Tchaikovski, as sonoridades revolucionárias de Ligeti e novas obras de Jörg Widmann, Pedro Amaral e Clotilde Rosa.

A origem da Orquestra remonta a 1947, ano em que foi constituída a Orquestra Sinfónica do Conservatório de Música do Porto, que desde então passou por diversas designações. Engloba um número permanente de 94 instrumentistas, o que lhe permite executar todo o repertório sinfónico desde o Classicismo ao Século XXI. É parte integrante da Fundação Casa da Música desde Julho de 2006.

Violino I

Zofia Wóycicka
André Gaio Pereira*
Maria Kagan
Ilanina Khmelik
Evandra Gonçalves
Roumiana Badeva
José Despujols
Tünde Hadadi
Vadim Feldblioum
Vladimir Grinman
Alan Guimarães
Andras Burai
Diogo Coelho*
Raquel Santos*

Violino II

Ana Madalena Ribeiro
Nancy Frederick
Tatiana Afanasieva
Mariana Costa
Lilit Davtyan
Francisco Pereira de Sousa
Pedro Rocha
José Paulo Jesus
Domingos Lopes
Paul Almond
Nikola Vasiljev
Ana Luísa Carvalho*

Viola

Anna Gonera
Emília Alves
Rute Azevedo
Luís Norberto Silva
Hazel Veitch
Theo Ellegiers
Jean Loup Lecomte
Francisco Moreira
Teresa Fleming*
Virginia Corrales Rodriguez*

Violoncelo

Nikolai Gimaletdinov
Vicente Chuaqui
Feodor Kolpachnikov
Sharon Kinder
Michal Kiska
Aaron Choi
Hrant Yeranosyan
Joana Rocha*

Contrabaixo

Rui Rodrigues
Florian Pertzborn
Joel Azevedo
Nadia Choi
Altino Carvalho
Slawomir Marzec

Flauta

Paulo Barros
Ana Maria Ribeiro
Alexander Auer
Angelina Rodrigues

Oboé

Aldo Salvetti
Tamás Bartók
Eldevina Materula
Roberto Henriques

Clarinete

Luís Silva
Carlos Alves
João Moreira
Edgar Silva*

Fagote

Gavin Hill
Robert Glassburner
David Harrison*
Vasily Suprunov

Trompa

Nuno Vaz*
Hugo Carneiro
Eddy Tauber
Bohdan Sebestik
Hugo Sousa*
Bruno Rafael*

Trompete

Sérgio Pacheco
Ivan Crespo
Rui Brito

Trombone

Severo Martinez
Ricardo Pereira*
Gonçalo Dias*

Tuba

Luís Oliveira*

Tímpanos

Jean-François Lézé

Percussão

Bruno Costa
Paulo Oliveira
Nuno Simões

Harpa

Ilaria Vivan
Angelica Salvi*

*instrumentistas convidados

PRÓXIMOS CONCERTOS

02 JUL TER · 21:00 SALA SUGGIA

TONY ALLEN & JEFF MILLS

CICLO JAZZ

05 JUL SEX · 21:00 SALA SUGGIA

6º PRÉMIO INTERNACIONAL CASA DA MÚSICA/SUGGIA

PROVA FINAL

ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA

PEDRO NEVES direção musical

06 JUL SÁB · 10:00 VÁRIOS ESPAÇOS

MARATONA DE VIOLONCELISTAS

Maratona de recitais de violoncelo
com alunos de escolas vocacionais

MECENAS ORQUESTRA SINFÓNICA
DO PORTO CASA DA MÚSICA

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS PRINCIPAL
CASA DA MÚSICA

